

O ponto alto da obra é naturalmente voltado para a Fôrça Pública do Estado de São Paulo, da qual o Brigadeiro é o Patrono.

A fibra do Brigadeiro era tal, comenta o autor, que embora súditos leal de D. Pedro II, isto não impediu de ser o chefe em Sorocaba, da Revolução de 1842, apoiando Feijó.

Evaristo da eViga, o homem que atacou até ao nosso primeiro Imperador, não titubiou em defendê-lo pela "Aurora Fluminense", quando Tobias de Aguiar foi atacado pelo "Cometa", dizendo de sua "firmeza e honradez de caráter".

Tanto da primeira, como da segunda presidência da Província, o Brigadeiro jamais recebeu os honorários que lhe cabiam...

Aureliano Leite brinda-nos com um trabalho honesto, despretencioso que é, a nosso ver, obra interessante para todo aquêle que desejar conhecer a origem da Fôrça Pública, Guarda Nacional, informes detalhados sobre o Monumento do Criador da Fôrça Pública e a instituição da medalha **Brigadeiro Tobias**.

Impresso em ótimo papel, fartamente ilustrado, acompanhado de textos e notas de rodapé, é uma obra digna de figurar, e que faltava mesmo na bibliografia histórica paulista.

JOSUÉ CALLANDER DOS REIS

*

Catálogo dos Manuscritos de Macau. Separata do "Boletim da Filmoteca Ultramarina Portuguesa", n.º 25, Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, Lisboa, 1963.

Já nos referimos à importância do Boletim que a Filmoteca Ultramarina Portuguesa edita, no qual, além do inventário dos acervos documentais e muitas vezes da publicação integral dos seus textos, que o Centro de Estudos Históricos Ultramarinos faz incorporar no seu rico patrimônio de microfilmes, inserem-se também alguns catálogos de grande interesse para o pesquisador de História.

Significativa prova dessas relações circunstanciadas que o CEHU tem promovido é o **Catálogo dos Manuscritos de Macau**, que ora sai em separata do último número (25) do Boletim da Filmoteca, catálogo esse que constitui a segunda parte de uma publicação já iniciada no 19.º volume do referido Boletim, correspondente a dezembro de 1961.

Foi por volta de 1557 que os portuguêses conseguiram o "direito de residência em Macau", onde desde logo se multiplicaram as cabanas de junco ao lado das casas de pedra e cal, denunciadoras do progresso que não demorou em favorecer esse local avançado da penetração portuguesa no Oriente, ponto de encontro com o Ocidente, que hoje constitui uma cidade colorida e de burburinhos, onde europeus, macaenses e chins se misturam com enleio numa paisagem aformoseada pelas hortas chinesas, que dão a última palavra na secular horticultura de uma civilização que já foi vegetal, ao lado da vida marítima que se entremostra na cidade flutuante da baía.

Quanto ao precioso inventário da documentação macaense, compreendeu êle os manuscritos do Arquivo do Leal Senado da Câmara de Macau, cujos exemplares mais antigos datam do século XVII, e o núcleo do Arquivo da Repartição Central dos Serviços da Administração Civil, abrangendo 1501 documentos desde 1734 a 1895, cujo índice foi elaborado pelo macaense Basílio do Rosário.

A natureza dos documentos é vária, destacando-se aquêles referentes às relações econômicas de Macau com a China, além de outras regiões vizinhas como Timor, Índia, Solor, Cochinchina, Sião, Filipinas, Camboja, Tonquim, Malaca, Batávia, etc.

O núcleo mais importante é o da Câmara de Macau, que se compõe de 236 códices, compreendendo um período que vai de 1630 a 1924, tendo sido a inventariação feita pelo macaense Luís Gonzaga Gomes.

Pelo índice onomástico, geográfico e ideográfico que valoriza o volume, é possível verificar-se que apenas dois manuscritos têm mais direto interesse para a história do Brasil, embora os assuntos que apresentam sejam secundários, ao inverso da primeira parte do mesmo catálogo (Boletim n.º 19), que apresentou manuscritos que se referiam ao Brasil não sómente em maior número, como também de maior importância histórica quanto ao seu conteúdo.

Este número 25 do Boletim da Filmoteca Ultramarina Portuguesa, do qual o Catálogo de Macau é separata, assinala 10 anos de sua circulação, representando a coleção uma das mais inteligentes contribuições que conhecemos para a história da expansão portuguesa.

Com essa publicação, o Centro de Estudos Históricos Ultramarinos atendeu de maneira excelente à pesquisa histórica, desta feita oferecendo a oportunidade de acesso justamente a uma das histórias econômicas que nos é menos conhecida, i. e., a do Extremo Oriente, num momento em que mais se pronunciavam em Macau duas nocentes causas da destruição dos manuscritos, ou seja, o clima e as formigas brancas.

JOSÉ ROBERTO DO AMARAL LAPA